

Base para boi gordo

A aquisição de sementes de pastagens deve obedecer a uma série de avaliações. Saiba como definir a melhor opção para sua propriedade

Diego Meneghetti

Diferente do que ocorria em décadas passadas, hoje a pecuária exige alta produtividade. Um boi não pode demorar cinco anos para ganhar peso, do mesmo jeito que o pasto não pode ficar esquecido por trás das cercas: o pecuarista, certamente, perderá dinheiro nestas duas situações.

Atualmente, o conceito de agricultura de pastagens tem tomado conta das áreas degradadas, passadas por gerações sem cuidados com recuperação ou reforma. Em uma pecuária de corte produtiva, de qualidade e, mais importante, rentável, é imprescindível que o produtor ofereça uma boa pastagem ao gado. Assim, formar o pasto com sementes de qualidade é condição inicial para qualquer tipo de exploração animal. Por outro lado, a preocupação em diminuir a pressão sobre os recursos naturais criou a necessidade de se formar pastagens mais produtivas e melhorar o manejo das pastagens existentes.

“Temos notado, no entanto, que a mudança de perfil do produtor está um pouco devagar. Antigamente, até por uma questão cultural, o pecuarista não considerava o pasto como uma atividade, ou como fonte de alimento ao gado. Dava pouca atenção às forrageiras, reservando as piores áreas da fazenda para formação dos pastos e as melhores para o cultivo agrícola. Hoje, como a margem de lucro do pecuarista está diminuindo, é preciso melhorar a eficiência no campo, o que forçou a mudança da atenção dada aos pastos”, afirma Marcio Menezes Meirelles, diretor comercial da Marangatu Sementes.

A produção de sementes de forrageiras tornou-se uma atividade agrícola como qualquer outra, exigindo qualidade, eficiência e tecnologia. Essa exigência, impulsionada pelo aumento da demanda interna e externa de carne jovem e macia, colocou o Brasil, antes dependente de sementes de forrageiras importadas, no primeiro lugar entre os produtores do insumo. Segundo dados da Embrapa Cerrados, a produção nacional de sementes de forrageiras tropicais comercializada anualmente soma 100 mil toneladas e contabiliza cerca de US\$ 100 milhões em valor bruto. No mercado externo, o ranking se repete: as 5 mil toneladas exportadas por ano, com destino principal às Américas Central e do Sul, dá ao Brasil o título de maior exportador de sementes de forrageiras tropicais.

Antes de escolher

Nas terras brasileiras, as pastagens abrangem uma área de 90 milhões de hectares. A Embrapa fornece tecnologia e variedade suficientes para toda essa área, ainda mais depois da parceria criada em 2002 com a Unipasto (associação de empresas fornecedoras de sementes que apóia a Embrapa na pesquisa e o desenvolvimento de novas cultivares). Formar um pasto de qualidade no Brasil, portanto, é o mínimo que o pecuarista pode e deve oferecer ao gado. No entanto, como tudo no campo, planejamento é o passo inicial para a formação de um bom piquete. Uma análise da área, do solo e da

região fornecerá importantes informações sobre o tipo de gramínea indicada para aquele local.

José Carlos Maschietto, engenheiro agrônomo e proprietário da Sementes JC Maschietto explica que, antes de comprar sementes de forrageira, é importante saber se o solo precisa de correção e adubação. “Uma análise de solo deve ser feita para conhecer as características da área que será semeada. Antes da compra, o produtor deve também avaliar o tamanho da propriedade e o tipo de exploração que se fará - extensiva, intensiva, semi-extensiva, leiteira ou corte - considerando os equipamentos para a implantação da pastagem e a mão-de-obra necessária e a que está disponível na fazenda. Esse planejamento, feito em conjunto com um agrônomo especialista nesta área, é o primeiro passo”, diz o agrônomo.

De forma geral, a recomendação dos profissionais é que o produtor deve reformar um pasto sempre que encontrar um processo de degradação maior que 30% da área. Em piquetes com pouca degradação, existe a opção de recuperação da pastagem.

“Se optar por uma reforma no pasto, após realizar uma avaliação do solo, o produtor deve analisar o tipo de plantas, pois não adianta verificar apenas o que está presente na terra; deve também interpretar o que a planta está conseguindo extrair daquela área. Com posse dessas informações, ele começa a definir quais tipos de variedades podem ser plantadas naquele solo, ou melhor, quais os tipos que vão se adaptar àquelas condições ao menor custo. O pecuarista não pode colocar uma cultivar que requer uma alta fertilidade em um solo de baixa fertilidade”, analisa Landry Loesch, engenheiro agrônomo da Agrocosta Sementes.

Com posse de todas as informações coletadas, a etapa seguinte da formação de uma boa pastagem é a escolha do fornecedor e da variedade a ser trabalhada. Neste momento, uma infinidade de opções fica disponível ao fazendeiro. Mas como escolher a ideal?

Se o produtor vai iniciar na atividade e não conhece as empresas fornecedoras, o melhor é se informar com vizinhos, agrônomos, ou empresas de assessorias sobre a idoneidade dos fornecedores de sementes de forrageiras. Para a escolha da variedade, as condições da região que a fazenda está localizada, como clima, topografia, temperatura e índice pluviométrico são determinantes. Somente através desta análise crítica, o tipo de gramínea pode ser escolhido.

Área nativa

Até a década de 30, as regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil trabalhavam sua pecuária em cima de pastagens nativas, principalmente de capim jaraguá e gordura

“O capim colômbio, trazido da África e, nesta época, cultivado através de mudas, encontrou nos climas quentes e terras férteis condições ideais para o seu desenvolvimento. O sucesso foi grande e as áreas deste capim se ampliaram bastante. Na década de 60 era esse o quadro ou cenário existente da pecuária”, explica José Carlos Maschietto.

A partir dos anos 70, programas para pecuária de corte e leite feitos pelo governo brasileiro para as regiões do Cerrado e Amazônia criaram uma demanda por forrageiras adaptadas àqueles climas. Segundo estudos da Embrapa Cerrados, essa demanda foi atendida por cultivares australianas,

como a *Brachiaria decumbens* cv Basilisk, que se adaptou bem em solos de baixa fertilidade.

Seguindo a lei da oferta e demanda, o preço das importações da Austrália na época subiu, o que forçou a resposta do mercado nacional. Surgiram, então, as primeiras tentativas de produção local de sementes.

Definidos fornecedor e variedade da forrageira a ser plantada, o pecuarista deve avaliar a qualidade do material que comprará. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) estabelece padrões mínimos de qualidade para todas as sementes produzidas e comercializadas. Segundo os fornecedores, no caso das forrageiras, os índices estipulados por lei são baixos, mas a tendência é que sejam recalculados em breve. A idéia é aumentar a qualidade exigida por parte do pecuarista que, costumeiramente, escolhe produtos pelo preço mais baixo.

Loesch orienta que o produtor deve optar sempre por qualidade, para não comprar “grão por semente”. “Uma empresa idônea vai ter um bom processo de condução da lavoura da semente, uma preparação do solo, tudo que irá garantir ao produtor, acima de tudo, uma semente de qualidade. Em alguns materiais que são encontrados no mercado, há germinação, mas pouco vigor. Se a semente for plantada um pouco mais profunda e ocorrer alguma variação de clima, ou condição de anomalia naquela área, a semente não conseguirá romper o solo”, explica o agrônomo da Agrocosta.

Posso produzir a semente na minha própria fazenda?

“Se o pecuarista analisar o custo de produção das sementes na própria fazenda e comparar com o custo de venda de uma empresa idônea no mercado, ele vai constatar que é muito mais caro e muito menos eficiente ele trabalhar com uma semente de colheita própria.” A afirmativa é do diretor comercial da Marangatu, Marcio Menezes Meirelles.

“O produtor não tem know how nem máquinas para produção de sementes. Dessa forma, o valor cultural das sementes produzidas domesticamente será muito baixo. Se ele colocar na ponta do lápis quantos quilos por hectare de sementes comerciais ele terá que jogar no solo e comparar com o mesmo índice das sementes que produziu, verá que será muito mais barato, conveniente e seguro utilizar sementes vendidas pelas empresas”, diz.

Antes de comprar

Na hora da compra da semente, alguns índices ajudam na decisão. Os valores de pureza e germinação, que juntos formam o valor cultural (VC), são parâmetros escritos na sacaria e são indicativos da qualidade daquele produto. A pureza indica a quantidade de sementes puras contidas no lote; as impurezas que são encontradas junto às sementes são terra, torrões, palhas, etc. Um lote de qualidade não pode conter outras diferentes cultivares e sementes de plantas daninhas. Por exemplo, em um saco de tanzânia, não pode haver semente de mombaça ou colômbia - isso se dá o nome de “pureza varietal”. Para se obter sementes de qualidade (com alta pureza física e varietal) é necessário um rígido controle de qualidade nos campos de produção (isentos de outras cultivares e de plantas daninhas).

Entretanto, nem todas as sementes puras germinam. Por este motivo há o índice de germinação, que indicará a porcentagem daquele lote (ou daquela sacaria) que possui condições para formar uma nova planta. O VC indica, portanto, a porcentagem de sementes puras com condições de germinar.

“É comum observarmos no mercado empresas oferecendo sementes com um mesmo VC, porém com recomendações de gasto de sementes por área diferentes, isto porque, provavelmente, a pureza informada não condiz com o que realmente tem dentro da sacaria. Muitas vezes a pureza é mais baixa e, para compensar, recomenda-se maior gasto por área. Enfatizamos que o produtor deve utilizar sementes com valor cultural mais alto possível. Mas há um costume do pecuarista escolher a semente mais barata. Isso é um erro, pois na hora da compra, o pecuarista não pode considerar apenas o preço por quilograma, mas atentar para a quantidade de sementes recomendada por área que cada empresa indica”, afirma JC Maschietto.

O agrônomo ressalta ainda que sementes com maiores índices de VC normalmente passam por um número de máquinas de benefício maior, o que reduz a possibilidade de ervas daninhas no lote. Outra vantagem seria da ordem econômica: “Atualmente, o pecuarista compra sementes com baixo VC e paga pelo frete de cerca de 60% a 70% de terra e torrões. Sem contar que ele também pagou por estas impurezas. Na hora da compra de sementes, há muita ênfase no VC, enquanto deveria se atentar também a outros atributos de qualidade, como pureza varietal e presença de sementes silvestres”, diz JC Maschietto.

Meirelles, da Marangatú, expõe um outro método para as sementes de forrageiras. “Para mensurar o custo-benefício, o produtor pode também dividir o valor da semente pelo número de VC para saber quanto ele paga por cada ponto de valor cultural.”

Nas contas finais, com índices de VC iguais ou diferentes, é importante calcular o valor total que o pecuarista irá investir. Assim, analisar a indicação de plantio de cada empresa é imprescindível: quanto ele irá gastar na área em questão.

Loesch, da Agrocosta, defende ainda que as sementes de forrageiras deveriam ser avaliadas também quanto ao vigor. “O valor cultural vai expressar pureza e germinação, mas não expressa o vigor. No entanto, ao contrário das sementes de soja e milho, em sementes de pastagens não se define vigor. Para chegar a este índice, deve-se recorrer à uma avaliação mais especializada, através de análises laboratoriais. Um analista de tetrazólio, especialista no segmento, por exemplo, poderia definir a condição de vigor da semente”, comenta.

Padrões mínimos de pureza e germinação exigidos no Brasil

Variedade	P (%)	G (%)
Brachiaria brizantha Stapf (capim-braquiária ou braquiarão)	40	60
Brachiaria decumbens Stapf (capim-braquiária)	40	60
Panicum maximum Jacq. - Cultivares: mombaça e tanzânia 1	30	60

Fonte: MAPA

Antes de plantar

Mesmo em estado de dormência, a semente tem um tempo máximo de vida antes de ser plantada. Em geral, as sementes podem ser estocadas por um período máximo de um ano (prazo legal da validade das análises) em condições ideais.

“Uma das maiores preocupações quando se estoca sementes é em relação à umidade do ambiente. Para ser armazenada antes do plantio, o local deve ser fresco e seco, com umidade relativa do ar menor que 45% e a temperatura em torno de 20°C. As sacarias precisam ser colocadas sobre estrados de madeira, longe de adubos e defensivos agrícolas e nunca podem ser encostadas em paredes ou em outras superfícies que dificultem a respiração da semente. Em condições ótimas, a semente pode durar até um ano sem alterar sua germinação e vigor”, considera Meirelles.

Porém, se o produtor adquire e já pretende realizar o plantio da semente, deve atentar para outros cuidados antes da semeadura. Para garantir ainda mais o sucesso na operação, o produtor pode fazer uma análise do lote comprado.

“Sempre antes de plantar, deve-se analisar a semente. Essa é a primeira condição de segurança para o produtor, porque antes de plantar, ele tem todas as garantias de qualidade do produto. Depois do plantio, há uma série de fatores que poderão interferir no processo de germinação. Se algo der errado e sem o teste da semente, ele não poderá saber qual o motivo do problema”, orienta Loesch.

Essas análises podem ser feitas em laboratório ou em testes antes do plantio. Para aumentar a garantia que a semente irá nascer da forma ideal, o pecuarista pode realizar uma pré-germinação em uma pequena área do pasto que for receber as sementes.

“O teste é importante porque podem ocorrer fatores ambientais ou problemas fisiológicos na semente que prejudicam sua germinação. A temperatura do solo, por exemplo, é muito importante. Braquiárias precisam de temperaturas sempre acima de 18° para que elas tenham condições de germinar. Já com temperaturas acima de 50°, a semente está sujeita a ficar cozida. Muitas vezes pode haver umidade necessária, mas não há temperatura. A semente recebe um estímulo para germinação e logo em seguida surge um veranico e ela não tem como prosseguir o processo de germinação”, comenta o agrônomo da Agrocosta.

Para uma análise de qualidade mais aprofundada, o pecuarista deve procurar um laboratório credenciado pelo MAPA. Após a compra da semente, retira-se uma amostra, de, no mínimo, 300 gramas para ser enviada para o laboratório. Existem dois tipos de análises que podem ser feitas: um de viabilidade, com resultado em 48 horas e outro de germinação, que sai em 21 dias. Com os resultados dessas testes, o produtor se certifica de que a semente que ele comprou está dentro da qualidade divulgada.

Antes de reclamar

Toda a preocupação com a escolha da semente antes da compra visa formar um pasto que forneça ao gado a produtividade que o mercado impõe. O pecuarista, apertado pelos custos e baixa remuneração, deve, além de escolher empresas idôneas no mercado, forçar seus fornecedores a adotarem uma postura moderna e tecnológica. No caso do setor forrageiro, uma

assessoria técnica da própria empresa pode ser um dos itens adicionais que fazem diferença.

De outro lado, os fornecedores se queixam de uma realidade contraditória: ao mesmo tempo em que o Brasil é o maior produtor e exportador de sementes forrageiras tropicais do mundo, o consumo interno não aproveita toda a qualidade que é produzida no país. Ao menos, não quer pagar por uma qualidade maior. Escolher, portanto, a semente mais barata não é lucro.

“Estamos entrando no mercado nacional porque acreditamos que vai existir uma mudança radical no setor pecuarista a curto e médio prazo. A meta é eficiência: produzir qualidade a baixo custo”, afirma Meirelles.

O mercado externo demanda uma qualidade maior das sementes forrageiras, a exemplo da comercialização de lotes tratados com inseticidas. Opcional para o mercado brasileiro, o tratamento de sementes ainda é pouco procurado pelos fazendeiros. De acordo com os fornecedores, o ideal é que os produtores aumentem sua produtividade através de sementes de maior pureza, germinação e vigor. Ainda assim, a preocupação em formar uma pastagem de qualidade deve continuar através do preparo e correção de solo, observar eventuais pragas presentes, uso e regulagem de máquinas adequadas para semeadura, compactação da semente no solo, entre outros ajustes. Com estes cuidados, o custo final da formação da pastagem será menor, e o do boi, maior.

Dentro da lei

As normas para produção e comercialização de sementes no Brasil têm passado por uma série de modificações nos últimos anos. No segmento de forrageiras, ainda há assuntos a serem definidos. Para se aprofundar nos itens exigidos por lei, o pecuarista pode acompanhar pelo site do MAPA (www.agricultura.gov.br) a legislação vigente:

- Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003
- Decreto nº 5.153, de 23 de julho de 2004
- Instrução Normativa nº 9, de 2 de junho de 2005 - Normas para produção e comercialização de sementes

Matéria publicada na edição 47 da revista Gestão Pecuária.

Autor: Diego Pontoglio Meneghetti • Mtb 39910/SP



Atribuição-Uso Não-Comercial-Compatilhamento pela mesma licença 2.0 Brasil

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compatilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
 - Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.